

O PECADO ORIGINAL NA TEOLOGIA DE ANDRÉS TORRES QUEIRUGA

THE ORIGINAL SIN IN THEOLOGY OF ANDRÉS TORRES QUEIRUGA

Edevilson de Godoy¹

Resumo: Este artigo apresenta um estudo sobre o pecado original na obra *Repensar o mal*, de Andrés Torres Queiruga. O Teólogo Galego parte da doutrina cristã sobre o pecado original como causa do mal, do sofrimento e da morte enquanto castigo e punição divina, segundo a qual Deus criou tudo perfeito no paraíso, mas devido à infidelidade humana, ocorreu a queda, surgindo o mal por culpa do homem desobediente. Queiruga mostra a insustentabilidade dessa doutrina e defende que, com o advento da modernidade e da autonomia da razão, essa epistemologia cristã passou a depor contra a imagem cristã do Deus amor. Utilizando-se da filosofia, o autor desloca a origem do mal do céu (tristeza de Deus pelo pecado de Adão) para a terra (decorrência natural do funcionamento autônomo do mundo). Se, de um lado, o mundo, a criação e os seres humanos são finitos e imperfeitos, do outro, Deus é perfeito e infinito. A causa do mal e do sofrimento que assolam a condição humana na história é, portanto, a finitude. Sendo assim, o mal atinge a todos, ateus e crentes. Contudo, para os crentes, Deus está junto com o homem na sua luta contra o mal. Numa perspectiva cristã, o mal será completamente vencido tão só no plano escatológico. Segundo Queiruga, o pecado original existe, mas não como está formulado pela teologia cristã.

Palavras-chave: pecado original; mal; sofrimento; finitude; imperfeição; liberdade; salvação

Abstract: This article presents a study of the original sin in the work *Rethinking the evil*, by Andrés Torres Queiruga. The Galician Theologian bases himself on the Christian doctrine of original sin as the cause of evil, suffering and death as chastisement and divine punishment. According to this approach, God created everything perfect in paradise, but due to human infidelity occurred the fall, which came out of the evil fault of disobedient of man. Queiruga exposes the unsustainability of this doctrine. With the advent of modernity and the autonomy of reason, this Christian epistemology began to argue against the image of God's love. Using philosophy, the author's shifts the axis of the origin sin from heaven (grief of God for the sin of Adam) to earth (natural consequence of the autonomous functioning of the world). The question arises in the autonomous functioning of the world and not in the sadness of God for the sin of Adam. The world, the creation and humans are finite and imperfect. Only God is perfect and infinite. The finitude is the cause of evil and the suffering that plagues the human condition in history. The evil affects everyone, atheists and believers. For believers, God is with man in his fight against evil. In a Christian perspective, the evil will be completely vanquished in the eschatological plan. According to Queiruga, original sin exists, but not as formulated by Christian theology.

Keywords: original sin; evil; suffering; finitude; imperfection; freedom; salvation

¹ Doutorando em Ciências da Religião pela PUC-SP, pe.edigodoy@uol.com.br

Introdução

O conceito de “pecado original” foi formulado por Agostinho no contexto da polêmica com Pelágio. Os pelagianos viam em Adão apenas um mau exemplo, subestimando o poder do pecado. Agostinho insistia na realidade do pecado em cada homem, que necessita do batismo para ser libertado desse poder negativo presente na natureza humana, entendia que as crianças são pecadoras porque contraem o pecado de Adão. Enfim, dava ênfase à concupiscência e à desordem interior como consequência do pecado original.

O pensamento agostiniano influenciou o Magistério, que condenou as doutrinas pelagianas sobre a natureza humana, o pecado original, a graça e a perfeição, contudo, esse mesmo Magistério aprovou totalmente o ensinamento de Agostinho. A doutrina foi formulada basicamente em três concílios: Cartago, em 418, afirmou que a morte de Adão foi consequência do pecado, as crianças podem ser batizadas e o batismo redime o pecado original (DS 222-224) (DENZINGER; HÜNERMANN; HOPING, 2013); no concílio de Orange, em 529 (DS 371-372), os pelagianos sustentaram que os seres humanos nascem num estado de inocência, isto é, não há uma natureza pecaminosa, como resultado dessa visão, sustentaram que um estado de perfeição impecável podia ser alcançado nesta vida. Esse concílio condenou as ideias pelagianas e assumiu a doutrina de Agostinho. Por fim, Trento (1545-1563), diante da tendência de Lutero em considerar a natureza humana corrompida a partir do pecado, ensinou a justificação do pecador: a natureza é ferida pelo pecado, mas realiza-se a restauração pela justificação (DS 1510-1516); esse concílio condena Lutero por negar a liberdade humana, para Trento, o homem nasce com o pecado original, é justificado por Cristo, mas a liberdade humana desempenha sua função e pode colaborar com a graça (LADARIA, 1998, p. 88-91).

O pecado original é uma doutrina da cristandade ocidental elaborada inteiramente dentro da teologia cristã. Essa epistemologia tornou-se dogma para explicar a origem do mal, do sofrimento e da morte no mundo. A culpa é do homem infiel a Deus. Queiruga, seguindo o paradigma de repensar os grandes temas da teologia a partir da autonomia da razão desencadeada pela modernidade, retoma o tema do pecado original. Verifica que a linguagem doutrinal não dá conta de explicar o mistério do pecado e do mal e, diante disso, busca na filosofia as raízes do problema e mostra que sua origem está na finitude do mundo e do homem, e não em Deus. O mal não é uma questão religiosa, mas mundana e humana.

Este estudo busca discutir o tema do pecado original a partir da obra *Repensar o mal; da ponerologia à teodiceia* (QUEIRUGA, 2011). O ponto de partida é a questão como está apresentada pela teologia cristã e discussão segue estes dois eixos: a realidade em si e a necessidade de repensar o tema segundo uma nova linguagem cultural e antropológica.

1 Pressupostos bíblicos

O relato da queda (Gênesis 3) utiliza uma linguagem feita de imagens, mas afirma um acontecimento primordial, um fato que ocorreu no início da história do homem. A revelação dá-nos certeza de fé de que toda a história humana está marcada pelo pecado original cometido livremente por nossos primeiros pais (Catecismo da Igreja Católica, 390).

O homem foi chamado a participar da vida divina e da familiaridade com Deus: justiça original. No entanto, transgrediu o projeto divino e se tornou réu de culpa. Essa perda voluntária e responsável da adoção no seio da família divina é transmitida individualmente a cada um de nós, descendentes do primeiro homem. Por esse pecado original primitivo, toda a humanidade nasceu ferida na sua íntima elevação sobrenatural. Torna-se pecado de natureza própria de cada indivíduo, pelo fato mesmo de ser homem.

Partindo do Gênesis, Deus criou um mundo perfeito. O ser humano foi criado no paraíso numa situação de plena felicidade e realização. Tudo era perfeição, harmonia e felicidade (Gênesis 2,4-25). Contudo, segundo a mitologia bíblica, ao tratar das origens do gênero humano, o livro bíblico apresenta um acontecimento primordial conhecido como “mito da queda” (Gênesis 3). A partir dessa desobediência, o homem perdeu a perfeição original e iniciaram-se os horrores do mal e do sofrimento que assolam a história das relações humanas em todas as épocas e culturas. Portanto, seguindo essa lógica, o culpado pelo mal e pelas mazelas do sofrimento é o ser humano, a origem de tudo está na sua desobediência a Deus. Mesmo depois de mais de um século de debate em torno da natureza mitológica desses relatos da criação, estes permanecem no imaginário religioso como a origem para todas as desgraças do mundo. “Uma vez reconhecido o caráter mítico-simbólico do relato do Gênesis, não faz sentido buscar uma ação histórica como causa da situação atual, atribuindo-lhe, por exemplo, o ingresso das doenças ou do mal no mundo.” (QUEIRUGA apud MOLARI, 2016)

O teólogo jesuíta uruguaio Juan Luis Segundo ressalta a existência de duas narrações da criação na Bíblia (Gênesis 1–2). A primeira remonta ao século VI A.C. e seria a dos sete dias. Ela coloca a criação do homem no sétimo dia. Macho e fêmea são criados à imagem e semelhança de Deus, centro e dominador da criação. Em seguida, Deus repousa.

A segunda narrativa é muito mais antiga. Remonta ao século XI ou X A.C. Nela, o homem, logo após ter sido criado por Deus e instituído cultivador do jardim, é submetido a uma prova. Dessa prova surge o pecado de Adão e Eva e o castigo que Deus lhes impõe. O resultado da queda é o surgimento do sofrimento, da dor e da morte.

As duas narrativas, de épocas diferentes, são compiladas numa só. A primeira narração, escrita na época do exílio, quer mostrar que Deus criador tem poder mesmo na Babilônia. A

segunda, no reinado de Davi ou Salomão, se interessa por contar a esse povo a origem de todas as coisas (SEGUNDO, 1995, p. 497).

O simbolismo da linguagem mítica revela a intenção de Deus em prol da realização humana no amor e na felicidade. É isso que quer significar o símbolo do paraíso: a meta a que estamos destinados, o projeto divino para o homem. O núcleo do texto é a realização do homem no amor e não a origem do mal como castigo de Deus. A narração da árvore, do fruto e da serpente, que fundamenta o pecado original, mesmo depois de ter sido reconhecida como mítica, continua sustentando a terrível ideia de que as tragédias do mundo provêm de um castigo divino primordial, por causa da culpa de Adão e Eva. Segundo Queiruga, isso tem resultados terríveis no imaginário religioso e no inconsciente coletivo. O autor galego ressalta duas consequências monstruosas dessa visão equivocada:

- a) Deus é capaz de castigar de modo terrível
- b) Ele faz isso a bilhões de descendentes que não têm a mínima culpa por esse suposto erro do casal primordial.

Além disso, também se reforça a ideia, tão difundida e danosa, de que, em última análise, se há mal no mundo é porque Deus quis e quer, já que o paraíso teria sido possível na terra. Além disso, o castigo seria desproporcional. Desse modo, sobrevive a crença geral de que o sofrimento, a doença e a morte provêm de uma decisão divina, como forma de castigo:

O pecado original não pode ser compreendido, tal como algumas versões vulgares o apresentam, como o castigo infligido por Deus, por séculos e séculos, a todas as pessoas devido à culpa de alguns pais primitivos. A partir da intuição de Deus como “antimal”, o pecado original deixa de ser o jogo cruel de prêmio e castigo ou uma fábula incrível sobre os começos da humanidade, para se apresentar como a estrutura íntima de nossa humanidade: o “pano de fundo obscuro”, tantas vezes trágico, da liberdade finita, que a torna incapaz de agir sempre para o bem e de salvar-se a si mesma. Desse modo, longe de se apresentar como aquele que castiga sempre, Deus se nos revela como aquele que desde o princípio se compadece de nossa debilidade abrindo-nos à experiência da graça e à esperança da salvação (QUEIRUGA, 1999, p. 155-156).

Os mitos do paraíso e da queda não se sustentam mais, o mito de que Deus criou um mundo perfeito e sem mal, de que o homem pecou, de que o pecado de um trouxe a punição para todos. Na imaginação coletiva incrustou-se uma sucessão que hoje induz a efeitos terríveis, às vezes irreparáveis, para a fé de muitas pessoas: criação em um paraíso, pecado dos primeiros pais, terrível castigo divino não só para eles, mas também para os bilhões de seres humanos inocentes e sucessores. Esse paradigma é violento, danifica a imagem do Deus amor que se revelou no êxodo como Goel libertador. Com o advento da modernidade e a autonomia da

razão, essa visão apresenta-se como inimiga de Deus e apologeta do ateísmo (QUEIRUGA, 2011, p. 238).

2 O pecado original e a origem do mal

Na epistemologia de Queiruga, o pecado original enquadra-se no tema da *ponerologia*, ou seja, a presença do mal do mundo. O mal atinge a todos, crentes e não crentes. Trata-se de uma realidade que atinge toda a criação, inclusive os animais. Nessa lógica, o mal é uma realidade de toda a criação, todos os seres vivos do planeta, incluindo suas dimensões físicas e naturais, são afetados pelo mal. O fato de existir implica estar sujeito ao mal. Nas últimas décadas, a humanidade tomou consciência do sofrimento dos animais, fato que meio século atrás era muito pouco percebido. Hoje, diferentemente, um cãozinho com câncer, um animal ferido ou ameaçado provoca atenção e comoção. O animal e a natureza não são descendentes de Adão, não podem pagar o castigo da queda do paraíso, segundo a visão tradicional. Entretanto, assim como os seres humanos e a natureza como um todo, também os animais são assolados pela dor, pelo sofrimento e pela morte (QUEIRUGA, 2001, p. 206).

Contudo, se o mal não é castigo de Deus devido à desobediência do homem primitivo simbolizado no mito de Adão, ou seja, se o mal não resulta da ira divina pela infidelidade humana, então de onde vem? Onde está a raiz do sofrimento, da dor física e moral, da doença, das guerras e das mazelas que atingem impiedosamente milhões de seres humanos e animais todos os anos?

A origem do mal está na finitude do mundo e do homem. O mundo é finito e por isso há nele inevitavelmente o mal. Pois o finito não pode ser perfeito, tem falhas, carências e contradições. O mundo finito produz o mal, a origem de todo o mal é o próprio mundo. O teólogo galego desloca o eixo epistemológico de Deus para o homem, do céu para a terra. O mal não nasce na queda do paraíso, sua origem não se encontra na tristeza de Deus diante da desobediência, o próprio mundo finito produz o mal. Precisamos entender o mal em si mesmo como realidade finita do mundo, como consequência da finitude da criação. Trata-se de algo inerente à dinâmica interna do mundo.

Queiruga assume a tarefa de repensar o mal mostrando que a modernidade iluminista revolucionou os pressupostos pré-modernos. No passado, imaginava-se que Deus interviesse com sua ação nos mecanismos do mundo e dava-se por certa a possibilidade de um mundo perfeito. A secularização desafiou a teologia a rever de modo mais profundo a ação de Deus na realidade e libertou a cultura da ilusão de um mundo perfeito, ou seja, sem o mal.

Um Deus que pode, sem mais nem menos, fazer ao mundo o que bem entende constitui uma longa e expressa nuvem que obscurece o imaginário religioso da humanidade. O divino como potente e poderoso, como o *tremendum* que responde a nossos mais obscuros instintos de poder, de dominação e de vingança, ameaça sempre desde os estratos mais primitivos da psique (QUEIRUGA, 2001, p. 184). Deus não é a causa primeira daquilo que acontece no universo, não é a causa do mal. O mal não tem a ver com Deus, mas sim com a finitude do homem. A partir da modernidade precisamos respeitar o funcionamento autônomo do mundo. Sofrimento, catástrofe, culpa, fome, enfermidade, crime, genocídio, mal praticado ou mal padecido são realidades inerentes ao funcionamento interno do mundo.

A criação é imperfeita e tudo que sofre de imperfeição é passível do mal, pois está em processo de construção. A finitude não é o mal, é tão somente a sua condição de possibilidade. Condição essa que torna inevitável sua aparição. Deus cria o finito, não cria a si próprio. Apenas Deus é perfeito e infinito e a criação que vem do seu amor não é o próprio Deus. Apenas a trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) é Deus. O Infinito e Perfeito, que está na origem de tudo, cria por amor seres finitos e imperfeitos, em processo, em devir. Tudo que é finito comporta necessariamente o mal, “portanto, o mal não é um problema de Deus, mas da criatura” (QUEIRUGA, 2007, p. 3). Dessa forma, a epistemologia de Queiruga desconstrói, a partir de fundamentos filosóficos e teológicos a visão tradicional do pecado original.

3 Pressupostos filosóficos

Quando o último recurso que nos resta para desculpá-lo [Deus] é confessar que seu poder não pôde triunfar sobre o mal físico e moral, certamente prefiro adorá-lo como limitado a adorá-lo como mau (Voltaire) (QUEIRUGA, 2001, p. 191).

Por que existe o mal? De onde vem? Qual o motivo de sua aparição? Para responder essas questões, Queiruga usa uma argumentação filosófica rigorosa.

Na filosofia clássica antiga, temos o famoso dilema de Epicuro: ou Deus pôde evitar o mal e não o quis – então não é bom –, ou quis e não pôde – então não é onipotente. Logo, de onde vem o mal? Se Deus onipotente e infinitamente bom, que nos ama, poderia acabar com o mal do mundo e não o faz, é contraditório. A presença do mal no mundo seria um testemunho negativo e escandaloso do Deus *summum bonum*. Pois um Deus que, podendo, não quisesse evitar o drama do mal, não seria Deus. Nem sequer mereceria o reconhecimento de uma pessoa ética e humanamente decente. Alguém com o mínimo de sensibilidade não se omitiria em solucionar, caso pudesse, a fome de milhões de crianças, os crimes bárbaros, as guerras e o tormento das doenças e da morte. Assim como uma mãe, ao lado de um filho retorcendo-se de

dor, faria tudo para livrá-lo, na maioria das vezes, até seria capaz de se colocar no lugar do filho ou mesmo de dar a vida para salvá-lo (QUEIRUGA, 2001, p. 185).

Na verdade, Bayle (1647-1706) foi o primeiro a levantar o problema na época moderna, apontando a contradição: de um lado, a onipotência e a bondade de Deus; de outro, a miséria humana. A razão não dá conta de explicar o escândalo do mal. Faz-se necessário recorrer à fé. Se há permissão divina para o mal, precisa-se ajustar essa permissão à bondade de Deus. Nesse sentido, Bayle acaba justificando o dilema de Epicuro:

O escândalo do mal é para ele absolutamente irreconciliável no nível da razão. Por toda parte, há prisões e hospitais, por toda parte há forcas e mendigos; a história falando propriamente, nada mais é que um compêndio de crimes e infortúnios do gênero humano (QUEIRUGA, 2011, p. 41).

Segundo Queiruga, foi Leibniz (1646-1716) que iniciou uma teodiceia moderna com sua nova categoria de “mal metafísico”: antes de interrogar a Deus, é preciso interrogar as realidades do mundo. Leibniz lê Bayle como uma transição entre a interpretação pré-moderna e a moderna iluminista racional. Bayle foi capaz de enxergar a contradição entre o Deus amor e o mal como castigo do pecado original, mas não apresentou uma solução. “Ao proceder assim, rompe a inércia da formulação tradicional que Deus, embora podendo fazer criaturas sempre santas e sempre felizes, preferiu que fossem criminosas e eternamente infelizes” (QUEIRUGA, 2011, p. 45). Não desamarrou o nó da contradição, apenas o apontou. Na época moderna, foi Leibniz quem começou a pensar o tema do mal e do pecado a partir de uma vertente secularizada, como realidades humanas e não divinas. “A direção do seu pensamento e o motivo íntimo de seu discurso se enraízam na consideração da estrutura da realidade mundana em si mesma e que, em última instância, todo o restante deve ser entendido a partir disso” (QUEIRUGA, 2011, p. 46).

Leibniz assume a categoria da finitude para analisar o problema do mal e do pecado original. Indaga: de onde vem o mal? Sua resposta filosófica é: o mal vem da limitação essencial da criatura:

Os antigos atribuíram a causa do mal à matéria, que julgavam incriada e independente de Deus; porém nós, que derivamos todo ser de Deus, onde encontraríamos a fonte do mal? A resposta é que esta deve ser buscada na natureza ideal da criatura, uma vez que esta natureza está encerrada nas verdades eternas que estão no entendimento de Deus, independentemente de sua vontade. Pois é preciso considerar que há uma imperfeição original na criatura antes do pecado, porque a criatura é limitada essencialmente; e daí decorre que não poderia saber tudo, e que pode se equivocar e cometer outras falhas (LEIBNIZ apud QUEIRUGA, 2011, p. 47).

O pecado original não é a causa dos males do mundo. Leibniz situa o problema do mal antes do pecado, não é absolutamente causa do pecado, tira das costas de Adão qualquer culpa

pelas desgraças do mundo. Para ele, a origem é a imperfeição da criatura. Há um mal metafísico que é a realidade imperfeita e finita da criação, a partir disso, explica o mal físico e o mal moral:

- a) *O mal físico*: refere-se ao sofrimento da carne humana, como doenças, dor e limitações do corpo humano. Também cabem nesta categoria os males que atingem a natureza: catástrofes naturais, guerras e miséria social. O mal físico atinge a todos, justos e injustos. Experimentamos a mal físico no cotidiano da vida: doenças, injustiças e mortes de pessoas que amamos. Rejeita-se a ideia do milagre. “A limitação das criaturas torna impossível a compossibilidade das perfeições, dando origem à imperfeição e ao sofrimento. Por isso, ele [Leibniz] rechaça o recurso ao milagre, que não solucionaria nada” (QUEIRUGA, 2011, p. 49). Entram aqui também as tragédias naturais: crise ecológica, terremotos, secas e inundações seguem uma dinâmica interna do funcionamento do mundo, não são castigo de Deus.
- b) *O mal moral*: este, por sua vez, aponta para a liberdade finita, a culpa e o pecado. Inevitavelmente aparecerão o erro, a fraqueza e a queda. Isso não tem ligação com Adão, com a serpente ou com o demônio. Faz parte da essência criatural do homem e do mundo (QUEIRUGA, 1999, p. 246-247). O caminho da liberdade humana é dialético. Depois da vida, a liberdade é o mais precioso dos dons, entretanto, percorre o fascinante e desconcertante percurso de construir-se entre erros, deficiências e conflitos. Ela sempre foi e sempre será limitada e finita. “A liberdade humana não é má, mas não é capaz de estar sempre à altura de sua exigência; em seu exercício acaba sendo também culpável” (QUEIRUGA, 2007, p. 109). Fazemos o que queremos, mas também o que não queremos, nossas escolhas e decisões, por mais livres que sejam, trazem consigo um mistério obscuro que nos é inconsciente.

Leibniz desfaz a estrutura do dilema de Epicuro: Deus não é a origem do mal, tampouco o mal surgiu como consequência do pecado original. Revela ainda que o dilema do filósofo grego não tem sentido, pois a causa não está em Deus. A filosofia nos ajuda a colocar a questão do pecado e do mal numa perspectiva moderna e secularizada. Queiruga vale-se dessa metodologia e olha o problema não mais pela ótica de Deus, mas sim pelo viés antropológico. A origem de tudo está numa realidade existencial do ser humano e não na culpa de Adão, nem muito menos no castigo de Deus.

Na época pré-moderna, o mal era explicado numa dimensão extramundana, ou seja, a causa era atribuída a Deus, demônio, magias e punições de algum ente espiritual. Na época

medieval, a peste negra assolou a Europa e o povo fazia procissões para aplacar a ira divina pelo castigo da terrível doença. A causa do mal era vista como castigo. No início do período moderno, aconteceu o terremoto de Lisboa (1755), a catástrofe foi seguramente a maior tragédia do povo português. Na leitura da época, explicava-se o terremoto como vontade de Deus. Por sua vez, o *tsunami* do Japão de 2011 – ondas gigantes com enorme poder de destruição – recebeu uma explicação científica. A partir da autonomia da razão, os acontecimentos do mundo remetem ao mundo, a outras realidades dentro do mundo:

A humanidade pré-moderna certamente não ignorava a causalidade mundana, porém a via como continuamente atravessada por agentes extramundanos, de tipo mágico, mítico ou religioso. Deus e o Demônio, os anjos e os espíritos, a maldição e o mau-olhado, a magia negra e a magia branca... Tudo isso intervinha continuamente, causando enfermidades ou curando-as, fazendo prodígios ou produzindo catástrofes, tentando para o mal ou induzindo para o bem (QUEIRUGA, 2011, p. 58).

Imaginar um mundo sem mal é absurdo, o mal e o sofrimento são realidades inevitáveis. Apesar da finitude e da imperfeição, a vida é bonita e a criação é a melhor possível. No entanto, a melhor possível contém limites e pode estar repleta de tragédias. Deus cria não outro Deus, mas sim criaturas finitas. Não se trata de uma antropologia pessimista: a vida é cheia de alegrias e esperanças, muitas realizações se concretizam, estamos em construção, esforçamo-nos sempre para realizarmos projetos e transformamos a história, há um empenho ininterrupto na busca de um mundo melhor e mais humano. Contudo, não ficaremos livres da finitude e da imperfeição, tampouco podemos imaginar que Deus acabará com o mal de maneira mágica ou que a vida humana será perfeita num futuro próximo ou distante. Seremos até o fim imperfeitos e limitados, o mundo sem mal é tão contraditório quanto um círculo quadrado.

4 Pressupostos teológicos

Para discutir a visão teológica sobre o mistério da finitude humana como raiz do mal e do pecado, faz-se necessário apresentar, ainda que rapidamente, dois conceitos do teólogo galego:

- a) *Via curta*: visão tradicional. Deus onipotente poderia acabar com o mal, mas não o faz para não interferir na liberdade humana. Segundo Queiruga, essa tese não funciona mais, ela deprecia a verdadeira imagem de Deus. “Se eu tivesse um amigo sofrendo no hospital e alguém dissesse que poderia acabar com seu sofrimento, mas não o faz, eu não quereria esse amigo.”²

² Palestra de Queiruga no lançamento do livro *Repensar o mal*.

b) *Via longa*: distingue *teodiceia*, *ponerologia* e *pisteodiceia*. O conceito *teodiceia* deriva da obra *Ensaio de teodiceia*, de Leibniz, que justifica a existência de Deus a partir da discussão do problema da existência do mal e de sua relação com a bondade de Deus. A *teodiceia* procura mostrar que é razoável acreditar em Deus, apesar das evidências de mal no mundo, e oferece uma estrutura que pode explicar por que o mal existe. A necessidade sentida por Leibniz é de oferecer resposta ao problema, seguindo nisso em grande parte os passos do livre-arbítrio de Santo Agostinho (354-430). Essa visão pede respeito à autonomia do funcionamento do mundo: Deus é amor, ama infinitamente, então, por que o mal não pode ser evitado? O mal é um problema humano e da criação que afeta a todos, temos de tratá-lo como uma questão interna do planeta, e não como *uma questão religiosa*. Todo mal que existe no mundo tem uma causa no próprio mundo e não em Deus, Ele opõe-se radicalmente ao mal. Deus é amor infinito em ato, cujo ser consiste em estar amando (Primeira Carta de João 4,8.16). Ama até os maus e injustos, perdoa sem limites ou condições, mas, apesar desse amor perfeito e infinito, o mal continuará existindo. A ênfase está no amor que sustenta. Queiruga cita o exemplo da mãe diante da criança que sofre, a qual não pode evitar o sofrimento do filho. O centro está não no sofrimento, mas sim no amor. Por amor, entrega-se completamente (QUEIRUGA, 2011, p. 144).

A *ponerologia* vem de *poneros*, que em grego significa “mal”, e é apresentada como realidade inevitável. Existem diferentes *pisteodiceias*: cada um enfrenta o mal de um jeito, cada tradição religiosa dá sua resposta. A judaica tem uma resposta para o problema do mal, o cristianismo tem a sua, o islamismo igualmente; nas tradições afro, encontramos uma enorme riqueza de simbolismos religiosos que oferecem sua resposta. Deus não teria criado o mundo se de algum modo não fosse possível libertar-se do mal. Nem tudo aquilo que neste momento não se pode resolver significa que no futuro não o possa ser. A pessoa é finita e, enquanto tal, exposta ao mal inevitável da finitude, mas está aberta ao infinito, nunca estamos acabados, nenhum ser humano morre definitivamente feito. No caminho histórico, lutamos contra o mal, o evitamos em muitas circunstâncias, no entanto, ele permanecerá até o fim.

Queiruga usa o conceito *pisteodiceia* para trabalhar a religião diante das imperfeições que causam o mal e o sofrimento. *Pisteodiceia* vem de *pistis*, que em grego significa “fé”. A *pisteodiceia* é o ato de fé em Deus apesar do mal. As limitações não são castigo divino, tampouco resultado do pecado original, elas acompanharão o caminho humano para sempre. As pessoas que creem assumem o compromisso ético, científico e social

no sentido de construir um mundo melhor, isto é, superando imperfeições e limites, sustentando-se na fé no Deus vivo e verdadeiro. O contínuo esforço para erradicar doenças que dizimam milhares de pessoas todos os anos é sustentado pela fé, por exemplo, a ciência busca sempre a cura do câncer e de muitas outras doenças. A partir da *pisteodiceia*, esse esforço da ciência é sustentado pelo amor de Deus. O escândalo da fome, que apesar de todo desenvolvimento tecnológico continua dizimando a vida de crianças em vários países do planeta, é um mal terrível, mas não vem de Deus, sua causa está na imperfeição da liberdade humana, que nunca conseguiu construir uma justiça social global. Numa visão de fé, Deus nos ampara para construirmos, através das instituições democráticas, um mundo melhor. O drama ecológico, com todos os seus riscos para o futuro da humanidade, não é problema de Deus ou do pecado original, mas resultado da interferência humana na natureza e da própria evolução do planeta. A resposta religiosa a isso seria assumir um *modus vivendi* menos agressivo, adotando uma postura de cuidado com a terra.

4.1 Criados por amor

A linguagem da criação por amor permite respeitar a autonomia da razão e da liberdade, afastando-se do Deus juiz ausente das posições clássicas:

- a) *Deísmo clássico intervencionista*: Deus no céu, mas que intervém, de vez em quando, para julgar ou fazer um milagre, ou para atender de forma oculta a algum pedido ou sacrifício.
- b) *Deus arquiteto-relojeiro*: Tendo criado o mundo e tudo o que existe, retira-se para o céu.

A criação por amor segue outra lógica. Deus, criando-nos e sustentando-nos, está habitando em nós e promovendo com amor incansável o nosso ser, que busca realização e felicidade. O Deus Abbá de Jesus está aqui. Deus está escondido na carne humana, amando-nos e sustentando nosso empenho de vencer o mal e o pecado. Deus se revela sempre na generosidade livre e irrestrita de um amor sempre em ato, que quer dar-se em plenitude.

Deus age dentro da criação, não fora. A partir de dentro, daquilo que veio dele, Deus cria por amor e a partir de então é presente. Por amor se revela sempre e esse amor é força vital que impulsiona a criação para o melhor. O mal que nos atinge hoje não é o mesmo que atingiu as pessoas de dois séculos atrás, hoje temos uma visão diferente para explicar situações antes inexplicáveis. Deus sustenta a luta contra o pecado, a culpa e os horrores da história. Deus cria

por amor; toda a sua força está sendo aplicada em ajudar na luta contra o mal, contra tudo aquilo que fere e oprime. Deus está do lado da criatura e contra o mal (QUEIRUGA, 2003, p. 17).

Supera-se a visão de Deus lá em cima e do homem aqui embaixo. Deus perfeito que criou tudo perfeito, homem infiel que estragou tudo. Deus está aqui, ao lado do homem, no amor, ajudando-o a ser plenamente humano, realizado e feliz. Essa visão apresenta um Deus na vida e na realização do homem. O Abbá não nos rouba espaço, ao contrário, quanto mais está presente, mais nos faz ser; quanto mais acolhemos sua ação, tanto mais realizamos a nós mesmos. O engano é converter a diferença em distância, a distinção em dualismo, o apoio em imposição. Porque então Deus se transforma num senhor e a religião consiste em servi-lo, aplacá-lo, solicitar-lhe ajuda e favores, para obter um prêmio e evitar o castigo.

4.2 Pressupostos cristológicos

Essa nova visão ressalta a livre decisão divina de comunicar-se totalmente e sem reservas. Cristo é o homem capaz de experimentar em toda a sua radicalidade a presença ativa de Deus que se nos quer dar, ele é capaz também de acolhê-la com a entrega absoluta de sua liberdade (QUEIRUGA, 2010, p. 229).

No evento histórico Jesus de Nazaré, o homem acolhe e toma consciência da presença de Deus que sustenta no amor e ajuda a superar o pecado. Cristo é o modelo do homem sustentado pelo amor do Pai que enfrenta o mal. A teologia cristã faz uma justaposição entre Adão e Cristo, o homem terreno e o homem glorioso (QUEIRUGA, 1999, p. 124).

Paulo, na Carta aos Romanos (5,12-21), apresenta o paralelismo entre Adão e Cristo. O texto tem ênfase cristológica. O pecado entrou no mundo por um homem: “Por meio de um só homem o pecado entrou no mundo e, pelo pecado, a morte, e assim a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram” (5,12). Pela desobediência de um só homem, todos se tornaram pecadores. Por ele veio a morte, havendo uma solidariedade no pecado. No entanto, “pela obediência de um só, todos se tornaram justos” (5,19). Em Cristo, todos são justificados, havendo solidariedade na justiça e na salvação. Contudo, Cristo e a graça prevalecem sobre o pecado (SEGUNDO, 1995, p. 497). “Ali onde abundou o pecado, superabundou a graça” (5,20). A graça é muito mais forte. O Gênesis quer mostrar como o mal tem sua origem no pecado do ser humano, a Carta aos Romanos quer mostrar como a salvação tem origem em Deus mediante Cristo e como ele tem a última palavra, pois é mais poderosa e abundante do que toda a força do pecado (QUEIRUGA, 1999, p. 163).

Paulo foca no polo Cristo. Adão é caminho hermenêutico para mostrar que, em Cristo, Deus liberta o ser humano do pecado. Há uma dialética entre pecado e salvação: Cristo é a

revelação plena da vitória do polo salvação sobre o polo pecado original. “Assim, reabilitados pela fé, estamos em paz com Deus, por obra de nosso Senhor Jesus Cristo” (Carta aos Romanos 5,1). As limitações e alienações do ser humano são arrancadas pela raiz, em Cristo há um novo homem. “Onde dominava a escravidão do pecado, reina agora a liberdade dos filhos, que nos permite clamar: Abbá! Pai!” (QUEIRUGA, 1999, p. 165). Portanto, a temática do pecado original é construída a partir da redenção cristã, parte-se do negativo, resultado da fraqueza humana, para enfatizar a grandeza do evento histórico Jesus de Nazaré e as consequências antropológicas da ressurreição (SCHILLEBEECKX, 1973, p. 228-229).

A doutrina do pecado original é uma visão retrospectiva, ou seja, no centro da fé cristã está a vivência entre nós da morte, da paixão e da ressurreição de Jesus. A partir da ressurreição como dom do Espírito Santo é que o grupo apostólico começa a poder olhar para trás, pensando como era a vida e como encará-la de outra forma:

A ressurreição de Jesus não foi um mero evento miraculoso ocorrido dentro de uma estrutura preexistente de compreensão de Deus, mas foi o evento através do qual Deus remodelou a possibilidade de compreensão humana sobre Ele. Para que isso acontecesse, Deus simultaneamente utilizou e estourou a compreensão [de Deus] desenvolvida pelos séculos entre o povo judeu (ALISON, 2011, p. 192).

James Alison, seguindo a linha de Juan Luis Segundo, entende que a doutrina do pecado original é cristológica, um olhar para trás a partir de Cristo. Ele nos abriu os olhos sobre que tipo de seres humanos éramos e que tipo poderemos ser a partir da paixão, morte e ressurreição. Descobrimos que somos capazes de superar nossas origens violentas destinadas à morte e tornar-nos um novo ser humano a partir do modelo Jesus de Nazaré.

A ressurreição é a essência da *pisteodiceia* cristã. Nessa linha apresentada, o mal resultante da finitude nunca acabará e terá seu ponto mais alto na morte. A fé cristã crê no poder de Deus de vencer este último inimigo, dando-nos a graça da vida nova. Deus Pai não quer a cruz, mas a suporta por ser inevitável. Enquadra-se no problema do mal, mas acompanha o Filho na miséria do calvário. Deus quer a salvação e a felicidade, apesar da inevitabilidade da cruz. Ele é, definitivamente, contra a cruz, o mal e o pecado. Deus é antimal. Ao contrário, “está do nosso lado diante do mal, mal esse que afeta igualmente a ele, em seu amor, e a nós; e por isso nos assegura a vitória definitiva” (QUEIRUGA, 2005, p. 226). O Deus que sofre ao lado de Jesus na cruz anuncia a ressurreição com vitória sobre o mal.

O corpo morto de Jesus representa o pecado humano em grau extremo, pois é resultado do mal deliberado, tramado: a projeção da inveja, da injustiça e do ódio em nível extremo. Deus Pai, através do Espírito Santo, ressuscitando o corpo morto de Jesus, revela definitivamente sua oposição à história de pecado e maldade que acompanha o caminho humano, a ressurreição é a

palavra final de Deus sobre o mistério da iniquidade que acompanha a finitude humana. Portanto, segundo a *pisteodiceia* cristã, o mal e o pecado não durarão para sempre, Deus é maior! No *éschaton* de cada homem, haverá o encontro com Cristo ressuscitado, que levará consigo para o outro lado da margem: a vida eterna, perfeita e gloriosa onde não haverá mais o mal e o pecado.

5 Pecado original segundo Queiruga

Partimos de uma questão fundamental. *Para Andrés Torres Queiruga, existe o pecado original?*

Sim. O Teólogo Galego aceita a existência do mistério da iniquidade presente no ser humano. Há desde a origem um pecado primordial, um mal primordial. Há uma dimensão obscura no ser humano e no mundo. Algo que não conseguimos superar completamente. Trata-se de uma visão dialética: o ser humano é um mistério de luzes e sombras, amor e pecado.

A parábola do joio e do trigo nos ajuda a compreender a questão. O agricultor semeou o trigo, não o joio (Evangelho segundo Mateus 13,36-43), mas, devido às limitações do solo, aparece misteriosamente o joio. Ambos acabam crescendo juntos e Evangelho diz claramente não ser possível separá-los. Contudo, é possível combater o joio, fazer uma opção fundamental: queremos cultivar o trigo e não o joio. Ainda que não consigamos destruí-lo completamente, lutamos contra ele até o fim. Metaforicamente, o trigo representa a dimensão luz-amor da condição humana, enquanto o joio representa a dimensão sombria do pecado e do mal. A parábola ensina que, no tempo da colheita, o agricultor queimará o joio e recolherá o trigo, mas, durante o desenvolvimento do plantio, o agricultor se faz presente, tentando como pode combater as pragas, proteger e favorecer a boa produção do trigo. Entretanto, somente na colheita haverá a destruição final.

Essa metáfora da parábola é muito rica e nos ajuda a pensar a epistemologia de Queiruga sobre a realidade dialética do ser humano. Assim como o joio, o mal surge misteriosamente. O joio não é punição da natureza, mas uma possibilidade dos limites do solo. O mal é consequência da finitude das criaturas. O pecado existe e acompanha a condição humana desde os primórdios. Essa realidade puramente antropológica e natural do mal, afinal, atinge todos os seres da criação e estará sempre presente. Assim como o agricultor não pode acabar definitivamente com o joio antes da colheita, também os seres humanos não conseguirão acabar com o mal e o pecado presentes na história.

A questão levantada deve ser bem respondida. O pecado original existe, segundo o teólogo de compostela, de modo algum ele nega a realidade do pecado. O homem é pecador e

exposto ao problema do mal. Apesar do esforço científico, político, cultural e religioso para construir um mundo melhor, mais humano e menos injusto, não conseguimos dar conta. Sem pessimismo, pois a vida é bonita e cheia de esperança, contudo, a ferida do mal está sempre aberta, pois trata-se de uma realidade que atinge a todos, ateus e crentes, judeus e cristãos, mulçumanos e budistas, enfim, todas as tradições religiosas.

A segunda questão a ser enfrentada é a seguinte: *Queiruga concorda com a doutrina do pecado original segundo a linguagem do mito da queda?*

Absolutamente não. O mal e o sofrimento não resultam do pecado original, seguindo a lógica do mito da queda, segundo a qual Deus criou tudo perfeito no paraíso, num estado de felicidade extrema, e o homem primitivo desobedeceu a Deus, surgindo por isso o mal e todas as mazelas. Como discutimos ao longo do texto, essa visão mitológica não explica a dimensão sombria da condição humana. As coisas tristes do mundo não são castigo, essa linguagem doutrinal mancha a imagem do Deus amor.

A teologia de Queiruga deseja repensar a linguagem clássica e a doutrina do pecado original como origem das desgraças que assolam a história. A partir da filosofia e da autonomia da razão, desloca o eixo de Deus para o mundo, do céu para a terra, busca a raiz da insuficiência humana na imperfeição. Segundo a teologia queirugiana, o pecado original é uma estrutura íntima da condição humana, sua raiz está na finitude da criação. Somos a paradoxalidade de luz e sombra, Deus está a favor da luz e contra a sombra. Esta última sempre vai existir, não por culpa de Deus, mas pela estrutura autônoma da criação.

O pecado original nasce da liberdade finita, incapaz de acertar sempre e escolher o bem e o amor todas as vezes. A liberdade humana é imperfeita, as dimensões inconscientes do ser humano agem sobre a liberdade, tornando-a limitada e finita, precisamos libertar a liberdade. No processo evolutivo, o ser humano caminha para algo melhor, para uma liberdade mais livre.

Ao usar o conceito *pisteodiceia* para pensar um sentido religioso para o drama do mal, Queiruga abre-nos à fé. Cada tradição religiosa busca suas significações simbólicas para refletir o tema, no caso judaico-cristão, cremos no Deus revelado que se autocomunica, revelando seu amor que nos sustenta no devir da história. Esse Deus presente no homem atualiza suas potencialidades de fazer o melhor e de se realizar no amor (RAHNER, 1989, p. 159), entretanto, segundo a visão cristã, não seremos capazes de vencer o mal nesta vida, ainda que caminhemos sempre para algo melhor, a finitude permanece. As parábolas de cura de cego no Evangelho, quando analisadas numa perspectiva antropológica, revelam a cegueira da condição humana. Somos incapazes de enxergar com perfeição o caminho da vida. Necessitamos da luz de Cristo para abrir nossos olhos. Há realidades que hoje vemos com clareza, mas que num passado

próximo éramos incapazes de ver, assim como certas situações que hoje não nos são claras, daqui a um tempo conseguiremos enxergá-las melhor. Todavia, o ser humano sempre terá cegueiras antropológicas. Para o projeto cristão, somente na escatologia elas serão completamente curadas. A luta contra o mal passa por essa dialética evangélica de ver aos poucos. Vale lembrar a parábola em que Jesus vai aos poucos curando um cego, num processo pedagógico (Evangelho segundo Marcos 8,22-26), assim é o caminho humano no esforço ininterrupto contra o mistério da iniquidade presente na história.

Também podemos recorrer ao “*já, mas ainda não do Reino*” para abordar a epistemologia queiruguiana. Existem sinais visíveis de que vencemos o mal na história: direitos humanos, pesquisas científicas que aliviam a dor e que aumentam a expectativa de vida, instituições democráticas, liberdade religiosa e muitos outros. Por outro lado, o *ainda não do reino* é notável de maneira escandalosa nas guerras, na fome de milhões de seres humanos, nas injustiças, da destruição do planeta, nos fundamentalismos e em muitas outras contradições latentes que ferem a vida.

A teologia de Queiruga é antropológica e cristológica. Partindo dos dramas da condição humana resultantes de sua finitude, chega a Cristo como o melhor que a humanidade conheceu. Jesus é o melhor que o processo evolutivo da humanidade conseguiu produzir, na ressurreição de Cristo e na ressurreição de cada ser humano, o mistério do pecado e do mal que acompanha cada ser vivente em cada época da história será definitivamente superado. A finitude e a imperfeição do humano serão curadas pela ressurreição da carne. Cristo ressuscitado nos dará uma vida nova, um novo jeito de existir, do qual é o primogênito, nessa nova vida não haverá finitude, tudo será perfeito.

Considerações finais

Andrés Torres Queiruga deixa claro que o núcleo mais vivo e fundamental da sua teologia se move sempre entre dois polos: repensar os conceitos da teologia, a partir do reconhecimento da autonomia das criaturas, e recuperar a experiência original, tornando patente a sua relação constitutiva com Deus. A reformulação é uma consequência. O pecado original é analisado nesse recorte queiruguiano de repensar as grandes verdades da fé com uma nova linguagem.

Na obra *Repensar o mal*, o tema do pecado original está inteiramente vinculado à *ponerologia*, ou seja, ao mal. A partir da filosofia, Queiruga mostra as raízes terrenas do mal. O mito do paraíso bíblico é uma representação simbólica do sonho de Deus para a realização humana, em hipótese alguma seria a queda do paraíso a origem das desgraças da história,

tampouco uma punição divina devido à desobediência de Adão. O teólogo de Compostela desmonta esses argumentos tradicionais, deslocando o eixo para a terra. O tema do mal deve ser analisado numa pesquisa antropológica, o pecado não é um mal porque faz mal a Deus, mas porque o faz a nós. Ofendemos a Deus na medida em que agimos contra o nosso bem. A raiz está no funcionamento autônomo da evolução. Não se trata de um castigo da ira divina, o pai do filho pródigo não se preocupa com sua honra ou com sua ofensa, mas com o fato de que o filho estava morto e retornou à vida, estava perdido e foi reencontrado. Deus é amor e existe amando sempre, não sabe ser outra coisa senão amor em ato. O mal nasce na finitude e na imperfeição, só Deus é perfeito, Deus não cria outro Deus, mas criaturas imperfeitas e finitas. Somos falíveis e limitados, erramos e pecamos, portanto, o mal sempre existirá e atingirá a todos: ateus e crentes.

Queiruga apresenta o conceito *pisteodiceia* como resposta de fé ao drama do mal. Para a tradição judaico-cristã, Deus está do lado do homem na luta contra o mal. Ele nos sustenta com amor, cada dia, no esforço para construir o melhor possível. Especificamente no cristianismo, o mal será definitivamente derrotado na ressurreição.

Ao trilhar pelo viés antropológico moderno, ele nos ajuda a construir uma nova imagem de Deus, rompendo com a imagem do Deus rival do ser humano. Daí a sua tese de que Deus se revela na realização humana e a verdadeira imagem de Deus é aquela que Jesus de Nazaré nos apresenta, o Abbá. Trata-se de uma nova visão da criação, onde Deus não é intervencionista, nem irado, que necessita de sacrifícios para ser acalmado, tampouco milagreiro. Mas está aqui desde sempre, sustentando por amor a construção da realização humana na história.

Por fim, Queiruga não nega o pecado original, mas o repensa em termos modernos como consequência da finitude. Nesse sentido, dá uma importante contribuição à teologia e a todos que buscam razões para viver a fé na cultura pós-moderna.

Referências

ANDRADE, Barbara. *Pecado original ou graça do perdão?* São Paulo: Paulus, 2007.

ALISON, James. *O pecado original à luz da ressurreição: a alegria de descobrir-se equivocado.* São Paulo: É Realizações, 2011.

DENZINGER, Heinrich; HÜNERMANN, Peter; HOPING, Helmut (Coord.). *Compêndio dos símbolos e declarações de fé e moral.* 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2013.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes, 2001.

- LADARIA, Luis. *Introdução à antropologia teológica*. São Paulo: Loyola, 1998.
- MOLARI, Carlo. Dizer o pecado original hoje. In: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/537556-dizer-o-pecado-original-hoje-artigo-de-carlo-molari>. Acesso em maio 2016.
- PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia sistemática*. São Paulo: Paulus/Academia Cristã, 2009. v. 2.
- QUEIRUGA, Andrés Torres. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- _____. Crer de modo diverso. In: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-antteriores/37458-crer-de-modo-diverso>. Acesso em maio 2016.
- _____. *Esperança apesar do mal*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- _____. *Recuperar a salvação: por uma interpretação libertadora da experiência cristã*. São Paulo: Paulus, 1999.
- _____. *Recuperar a criação: por uma religião humanizadora*. São Paulo: Paulus, 1999.
- _____. *Repensar a ressurreição: a diferença cristã na continuidade das religiões e da cultura*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- _____. *Repensar a revelação: a revelação divina na realização humana*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- _____. *Repensar o mal: da ponerologia à teodiceia*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- _____. *Um Deus para hoje*. São Paulo: Paulus, 2003.
- RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulus, 1989.
- SCHILLEBEECKX, Edward. *Interpretación de la fe*. Salamanca: Sígueme, 1973.
- SEGUNDO, Juan Luis. *Que mundo? Que homem? Que Deus?* São Paulo: Paulinas, 1995.
- SESBOÛÉ, Bernard. *Jesus Cristo el Único Mediador*. Salamanca: Secretariado Trinitário, 1993.
- SOARES, Afonso Maria Ligorio. *De volta ao mistério da iniquidade*. São Paulo: Paulinas, 2012.